CÂMARA MUNICIPAL DE PALMITAL

Pç. Marechal Arthur da Costa e Silva, 179 – Caixa Postal 132
Fones: 0 xx 18 351-1214/351-2443 - fax 351-2442 - email: cmptal@femanet.com.br
19970-000 - Palmital - SP

PROTOCOLADO
PROCESSO N.º 135 / 10 / 2000
CM-PALMITAL 09 / 10 / 2000
Sydney Abranches Ramos
DIRETOR DA SECRETARIA
C. M. Palmital, em 09 / 10 / 2000
Reinaldo Custodio da Silva
Presidente

PROJETO DE LEI Nº 36 /2000

DÁ DENOMINAÇÃO A VICINAL.

A Câmara Municipal de Palmital, aprova:

Artigo 1º - Fica denominada JOÃO IZIDORO LEANDRO a vicinal PMT-285, que tem o seu início na SP-375 Rodovia Nelson Leopoldino e o seu final na divisa do Município de Cândido Mota.

Artigo 2º - As despesas decorrentes com a aplicação da presente lei, correrão por conta de verbas próprias constantes do orçamento em vigor.

Artigo 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Plenário Vereador Profº Alcides Prado Lacreta, em 09 de outubro de 2.000.

BENTO GONÇALVES GIL
Vereador

APROVADO
EM 1ª e 2ª DISCUSSÃO E VOTAÇÃO
EM Unanimidade
EM SESSÃO Ordinária DE 06 / 11 / 2000
Reinaldo Custodio da Silva
Presidente

ENCAMINHAR
Autógrafo
C. M. Palmital, 06 / 11 / 2000
Reinaldo Custodio da Silva
Presidente

ENCAMINHADO
EM 07 / 11 / 2000
OFÍCIO N.º 201 / 2000
Rosangela Aparecida

CÂMARA MUNICIPAL DE PALMITAL

Pç. Marechal Arthur da Costa e Silva, 179 – Caixa Postal 132
Fones: 0 xx 18 351-1214/351-2443 - fax 351-2442 - email: cmptal@femanet.com.br
19970-000 - Palmital - SP

JUSTIFICATIVA:

Nobres Pares.

Pretendemos com a apresentação do presente projeto de lei, homenagear uma pessoa que colaborou para o engrandecimento de nosso município.

JOÃO IZIDORO LEANDRO, nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo, em 20-02-1879, filho de João Izidoro Vieira e Barbara Sebastiana de Jesus Vieira. Foi trabalhador rural desde os 14 anos de idade até os 25 anos, ganhando $ 500 réis por dia no serviço braçal no engenho de aguardente da Fazenda do Senhor Bilota no Município de Santa Cruz do Rio Pardo-Sp.

No ano de 1.904, cansado de ser assalariado, resolveu aproveitar a chance que o Governo oferecia no plano de colonização da gleba Fazenda Palmital, onde procurou os escritórios da Secretaria da Agricultura e Negócios do Interior de sua cidade, fazendo então sua inscrição e requerendo assim o direito de ser um dos muitos posseiros colonizadores daquela gleba. Assim é que João Izidoro contava sua história, só não sabendo direito o nome das repartições em que ele conseguiu fazer sua inscrição, mas é fácil entender e até descobrir, bastando vasculhar arquivos antigos para provar essa aventura que hoje poucos acreditam.

Nesse mesmo ano, João Izidoro Leandro recebeu seu documento com o aceito de licença autorizando a seguir viagem rumo ao sertão da gleba Fazenda Palmital e lá conseguisse sua posse. Com esse documento e mais um mapa para guia, seguiu viagem a cavalo trazendo junto seu irmão mais novo Rosendo Izidoro Vieira e um outro companheiro para ajudar construir um rancho, desmatar, construir cerca e plantar as primeiras sementes de milho, feijão etc...

Trouxe dois cargueiros com roupas, panelas, mantimentos, ferramentas e sementes, permanecendo por três anos sem voltar em Santa Cruz do Rio Pardo.

Vieram até Salto Grande por estradas de terras, depois seguiram com muita fé e esperança, margeando o Rio Paranapanema por picadões feito na mata, onde outros já haviam passado, assim viajaram por muitos dias pernoitando na mata cobertos com palas ou capas, só paravam uma vez ao dia para fazer a comida, assim no final de muitos dias atravessando a nado ou por pinguelas improvisadas sobre os rios afluentes do Paranapanema chegaram as margens do Ribeirão Palmitalzinho e ali encontraram Lucas Dias Paião, um posseiro recém chegado com sua família, onde descançaram e receberam orientações para seguir um pouco mais adiante. Com essa certeza encontraram um pequeno riacho de águas limpas e puras, onde descarregaram os cargueiros fazendo ali a barraca que mais tarde transformou num pequeno rancho com pomar, um cercado para colocar os cavalos e vacas.

Pç. Marechal Arthur da Costa e Silva, 179 – Caixa Postal 132
Fones: 0 xx 18 351-1214/351-2443 - fax 351-2442 - email: cmptal@femanet.com.br
19970-000 - Palmital - SP

Depois disso João Izidoro voltou a Santa Cruz do Rio Pardo levando a notícia de que tudo deu certo, que as terras de sua posse eram férteis, levou também amostras de feijão, espigas de milho colhidas nas pequenas áreas cultivadas. Vendo esse resultado, despertou grande interesse em toda sua família que mais tarde também vieram apossar suas terras. O mesmo riacho de águas limpas, hoje se chama Água do Pavão, onde seus filhos Sebastião Leandro e Francisco Leandro tem suas propriedades, as mesmas terras adquiridas pelo pioneirismo e coragem de seu pai João Izidoro Leandro que enfrentando perigos, doenças causadas pelos insetos e bichos peçonhentos, seguiu em frente sem desanimar, vencendo a luta. Foi abrindo a mata aos poucos plantando café, milho para engorda de porcos, plantando arroz, feijão, um pomar, um pasto para os animais de custeio, vacas etc...

Casou-se com dona Maria Angelina da Silva, no dia 28-10-1908, voltando de novo a Fazenda Palmital para arrumar sua morada, permanecendo ali até agosto de 1909 quando nasceu seu primeiro filho, no ano de 1910 seguiu de mudança para Palmital, onde trouxe junto toda sua família, mais tarde construiu uma casa de madeira, onde morou até o ano de 1939, quando construiu outra casa de material feita pelo senhor Ernesto Mazeto e Guerino Avanci, Nessa época a lavoura de café estava em alta e tudo melhorava para o sertanejo. Quem trabalhava na propriedade como meieiro de café era os senhores Lázaro de Almeida, Benedito Souza, João Justino e outros.

O engenho que existia na propriedade era de tamanho médio com capacidade para fabricar 50 sacas de açucar autorizado pelo Instituto do Açucar e Alcool (cota).

O sistema de trabalho no sertão era todo manual, Dona Maria Angelina tecia no tear as cobertas feitas de lã de carneiro, plantava algodão para tecer roupas, as casas eram iluminadas com candeias onde queimavam azeites de mamona, limpavam arroz no monjolo e faziam farinha de milho, faziam o polvilho de mandioca, manualmente, para fazer biscoitos, brevidades e sequilhos. No engenho moía a cana para fazer melado, rapadura e o açúcar do gasto da casa e dos empregados. Para fiar e tecer a lã de carneiro, dona Maria Angelina fazia reuniões que era chamado de mutirão com as vizinhas, e assim também eram feito pelas vizinhas. Eram utilizados na casa o pilão, onde se socava arroz, café para torrar e depois de torrado socar de novo para fazer o pó de café. Eram feito no pilão a famosa paçoca de carne de porco e farinha de milho, socava amendoim torrado para fazer pé-de-moleque, socava o milho para fazer a canjica, tudo isto precisa ser lembrado com muito carinho e fazer as crianças de hoje conhecer como viviam os sertanejos daquele tempo.

Esses homens e mulheres eram corajosos e cheio de saúde, porque comiam delícias saudáveis feita por suas mãos, colhidas nas suas roças e quintais.

A eles devemos nosso respeito e gratidão, porque sem eles talvez nós não existiríamos.

CÂMARA MUNICIPAL DE PALMITAL

Pç. Marechal Arthur da Costa e Silva, 179 – Caixa Postal 132
Fones: 0 xx 18 351-1214/351-2443 - fax 351-2442 - email: cmptal@femanet.com.br
19970-000 - Palmital - SP

Assim é que foi traduzido um pouquinho do muito que João Izidoro Leandro e dona Maria Angelina da Silva contavam de sua história no sertão e esperamos que aproveitem apesar de resumir, porque só a sua história verdadeira já dá um livro.

Diante do exposto, nada mais justo esta pequena homenagem que resolvemos prestar a essa ilustre pessoa.

Plenário Vereador Profº Alcides Prado Lacreta, em 09 de outubro de 2.000.

BENTO GONÇALVES GIL
Vereador